

## 2. CONVERSACIONES

### 2. Conversations

# CONVERSACIÓN CON... ROGÉRIO FERNANDES E A INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

## *Talking with... Rogério Fernandes*

Áurea ADÃO

*Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa)*

Fecha de aceptación de originales: noviembre de 2006

Biblid. [0212-0267 (2006) 25; 625-634]

FALAR COM ROGÉRIO FERNANDES sobre a sua actividade científica, somente no que respeita à investigação em História da Educação, representaria para mim uma conversa inacabada tendo em consideração todo o seu percurso profissional e cívico. O Doutor Rogério (foi, assim, que me habituei a chamá-lo desde finais da década de 1960) tem marcado, em diversos domínios, algumas gerações de investigadores das Ciências da Educação, de professores dos diferentes níveis de ensino, de estudantes de áreas diversificadas do saber e, em tempos mais distantes, colegas e colaboradores com quem se cruzou em actividades culturais e intelectuais, afastadas um pouco dos seus interesses principais, mas a que o regime totalitário do Estado Novo o forçou.

No entanto, a conversa é com o actual Investigador da história da educação portuguesa, e mais recentemente, da história da educação luso-brasileira, é com o ilustre académico que tem vindo a contribuir destacadamente para a renovação dos estudos historiográficos de Educação e



Ensino em Portugal. Nesta simples conversa, não falarei no seu papel na criação de uma «escola» porque sei que não é esse o seu entendimento, porque conheço o pensar de Rogério Fernandes no que respeita à noção de conhecimento científico e ao seu permanente evoluir. Mas recordarei o lugar insubstituível que o meu Mestre ocupa neste nosso labor científico e no caminho que se vem percorrendo. E, do mesmo modo, o papel por ele desempenhado na transposição da fronteira nesta área científica, entre Portugal e Espanha.

Já, em acto de homenagem, grande parte da sua imensa obra historiográfica foi compilada e publicada em inícios de 2004<sup>1</sup>, reunindo cerca de cinco decénios da sua regular actividade em revistas científicas, em obras colectivas e na imprensa periódica e pondo em evidência as diversificadas áreas de interesse. Colectânea que está dividida nas seguintes nove partes: «A educação na transição medieval para o humanismo», com três estudos; «História do sistema educativo» (cinco); «Pedagogos portugueses» (cinco); «História da educação de adultos» (dois); «História da infância» (seis); «Contributos para a história da educação luso-brasileira» (seis); «Inovação educativa, práticas escolares e profissão docente» (dez); «Reflexões historiográficas» (três); «Questionar a sociedade, interrogar a história: intervenções em prol da educação» (quatro).

Para além dos temas acima indicados, como historiadora da educação e como sua discípula, não quero deixar de destacar os seus trabalhos de reflexão teórico-epistemológica e, igualmente, os que contemplam uma reflexão sobre aspectos de metodologia histórica e sobre a utilização das fontes disponíveis, por vezes, afastados da prática de investigação.

Neste início de milénio e depois dos estudos historiográficos de educação terem conhecido, em Portugal, um progresso importante, no meu entender, a reflexão de Rogério Fernandes vai continuar a ser de uma necessidade evidente para que novo conhecimento que se for produzindo não se afaste da condição portuguesa e não deturpe as suas sucessivas realidades. Cumpre, pois, recordar aqui o seu importante estudo *História da Educação, história das mentalidades, história da cultura* apresentado no 1.º Encontro de História da Educação em Portugal (1987), iniciativa que terá de ser considerada como ponto de partida inestimável para o desenvolvimento e a renovação daquela área científica no nosso país. Sem a capacidade de organização de Rogério Fernandes (à qual honrosamente estive associada), a sua vontade de mudança, a sua esperança numa história da educação portuguesa mais visível, a sua força anímica e o seu prestígio pessoal, aquela reunião não teria alcançado o lugar histórico que hoje ocupa.

Conheci Rogério Fernandes no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, em finais da penúltima periodização do regime do Estado Novo (1958-1968) e em todo o espaço temporal da última (1968-1974)<sup>2</sup>, ou seja, durante

<sup>1</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro & MENEZES, Maria Cristina (orgs.): *Rogério Fernandes. Questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a educação*, Porto, Edições Afrontamento/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2004.

<sup>2</sup> Periodização definida pelo historiador Fernando Rosas (ver, por exemplo, o artigo «Estado Novo», in ROSAS, Fernando & BRITO, J. M. Brandão de (dirs.): *Dicionário de história do Estado Novo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, vol. 1, pp. 315-318.

«a segunda e decisiva crise histórica do regime» e o período do «“marcelismo” ou a tentativa tardia e falhada de auto-reforma do regime»<sup>3</sup>. Foi naquela instituição consagrada à investigação das Ciências da Educação (única, então, no país) e pioneira na concretização de projectos de investigação histórica da educação e na fase que se seguiu à sua saída da vida universitária, por decisão pessoal, que Rogério Fernandes começa a concretizar o seu interesse já há muito existente pela investigação histórica no domínio da Educação e do Ensino e a trabalhar temas originais e documentação inédita. Para além de estudos incidindo no pensamento pedagógico de educadores que marcaram as políticas de ensino, de finais do século XIX e primeiros decénios do século XX, publicou na medida em que a conjuntura política lhe permitia, na imprensa periódica e em revistas científicas, numerosos estudos, artigos de opinião e recensões bibliográficas críticas que são eles mesmos, actualmente, fontes para a história recente da educação portuguesa, desde a análise profunda de alterações registadas na(s) política(s) educativa(s) de então, à divulgação do que se passava em outros países e à apresentação de propostas/sugestões tendentes à reforma do sistema de ensino. Permito-me referir, aqui, os seus estudos corajosos para a época mas, nem por isso, afastando-se do seu rigor científico, *Ensino: sector em crise* (1968)<sup>4</sup> e *Situação da educação em Portugal* (1973)<sup>5</sup>, que foram matéria de discussão e reflexão e mereceram a atenção de alguns jornais, embora dentro dos condicionalismos da época.

No entanto, foi com a Revolução dos Cravos, em Abril de 1974, que novas possibilidades de estudo e de intervenção se lhe abriram, das quais ficaram testemunhos escritos, na imprensa e em forma de livros<sup>6</sup>, também eles, material imprescindível aos historiadores.

É precisamente, após esta primeira fase de vivência da liberdade e da sua entrega à desejada renovação educacional em Portugal, que Rogério Fernandes se dedica plenamente à actividade académica e à concretização dos seus interesses principais como investigador e como preparador de novos investigadores. Actividade esta que está bem retratada nas seguintes palavras de dois dos prefaciadores da antologia publicada em 2004 e que, nessa qualidade, tiveram então oportunidade de ler e analisar à luz da experiência de cada um deles a imensa produção científica de Rogério Fernandes:

Olhemos pelo lado que olharmos, não temos dúvidas que estamos perante um homem com ideias fortes expressas em fórmulas simples. Não se deixando impressionar por qualquer tipo de autoridade, segue o caminho que lhe dita a análise dos factos, crivados por crítica metódica. A ideia que expõe, oralmente ou por escrito, é sua, independentemente de ser partilhada ou não por outros. A sua convicção, no entanto, não se fecha à argumentação dos que de si discordam. Pelo contrário, parece-nos gostar de interagir com a opinião dos outros, de apreciar a consistência dos argumentos, de confrontar informações, de indagar a origem das divergências. Gostando do rigor, da prova, da demonstração, não se lança na especulação de sentidos

<sup>3</sup> *Idem*, p. 318.

<sup>4</sup> Lisboa, Prelo Editora.

<sup>5</sup> Lisboa, Moraes Editora.

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, *Educação: uma frente de luta*, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

que não se evidenciem dos testemunhos frequentemente sujeitos a uma análise detalhada<sup>7</sup>.

Mas, são as próprias palavras de Rogério Fernandes que me interessam aqui registrar. E, por isso, com ele estive à conversa...

— O Professor Rogério Fernandes é uma referência nacional e internacional na actividade académica e no trabalho de investigação no âmbito da história da educação portuguesa e brasileira. Como lhe surgiu o interesse por esta área do conhecimento, ainda durante o regime do Estado Novo, quando a investigação em história cultural e social e, muito especialmente, as ciências da educação conheciam grandes dificuldades de produção?

O convite a responder a esta entrevista, para mais reforçado com as alegações da minha amiga e discípula Áurea Adão, deixou-me literalmente espantado. Tenho publicado um conjunto de trabalhos, é certo, recebidos com algum êxito em Portugal, no Brasil e em Espanha, tenho recebido sinais de grandes e leais afectos de colegas nos três países, mas daí a ser uma «referência nacional e internacional» na actividade académica vai uma distância só ultrapassada pelo bem-querer de muitos. Bem-querer que lhes retribuo com toda a força dos meus afectos e da minha admiração.

Pergunta-me a Áurea como vim a interessar-me por esta área do conhecimento, sobretudo quando a Ditadura salazarista opunha violentas contrariedades à história cultural e social. O meu interesse teve a sua determinante no gosto em trabalhar no terreno da teoria e da história das ideias pedagógicas. Vocacionado para a filosofia, também o ensino e a sua prática me seduziram desde cedo. De forma que os meus trabalhos iniciais no campo da história centraram-se em figuras de pedagogos e em questões de política educacional.

Em toda a minha formação universitária foi o pensamento crítico de António Sérgio, um neo-kantiano de formação racionalista, que me marcou mais fortemente. A tal ponto que a minha tese de licenciatura incidiu no idealismo de Léon Brunsvicg, historiador francês da filosofia cuja orientação se compaginava com a de António Sérgio.

Entre os meus colegas da Faculdade de Letras, na qual se cursava a Filosofia e a História, havia marcas da presença do pensamento de Marx e Engels, de envolta com posições de esquerda que se reflectiam na acção política e académica. Essas marcas decorriam de leituras e interpretações daqueles dois autores extraordinariamente simplistas e pobres, elaboradas muitas vezes em regime desconexo de autoformação. Note-se que isto derivava, em parte, da falta de fontes de informação e da proibição de edição ou importação de obras marxistas, quer de textos originais, quer de estudos secundários. Entre os jesuítas aparecerão mais tarde, no

<sup>7</sup> FELGUEIRAS, Margarida Louro & FERREIRA, António Gomes: «A Rogério Fernandes, a propósito de encontros que cruzam o Atlântico», in FELGUEIRAS, Margarida Louro & MENEZES, Maria Cristina (orgs.): *Rogério Fernandes. Questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a educação*, Porto, Edições Afrontamento/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2004, p. 16.

período em que fui assistente na secção de Filosofia onde fizera o meu curso (1957-1960), alguns desafios e até valorizações do Marxismo, como era o caso do Pe. Manuel Antunes, mas estávamos muito longe de poder avaliar o que havia de vivo ou de morto nessa linha de pensamento. Nesse duelo, o idealismo crítico de Sérgio levava a melhor. Entretanto, «vozes autorizadas» como as de um António José Saraiva, mais prejudicavam a imagem do marxismo do que mostravam as suas potencialidades como instrumento de leitura e de transformação da realidade social e cultural. Só mais tarde, o aparecimento de trabalhos de um intelectual marxista no exílio como Vasco de Magalhães-Vilhena, sobre o idealismo crítico de Sérgio, e que ao mesmo passo apresentava propostas de um marxismo de fundamento racional, permitiu a muitos da minha geração contactar pela primeira vez com uma filosofia capaz de nos permitir a elaboração de uma arma crítica mais complexa e por isso mesmo mais concordante com a tarefa que assumíamos de construir uma nova cidade.

— *Tendo em atenção a sua formação académica e o seu percurso profissional, que momentos da sua vida o marcaram mais?*

O contacto com as posições da revista *Seara Nova* na sua arrancada inicial, o estudo das obras de Sérgio e de Raul Proença tiveram um papel marcante na minha formação. Mas não posso esquecer os professores da Faculdade de Letras de Lisboa a quem muito admirei e de quem fui discípulo: Edmundo Curvelo e Vieira de Almeida, ligados ao Círculo de Viena, o primeiro dos quais prematuramente perdido, Delfim Santos como pedagoga e meu primeiro professor de História da Educação. Extra Faculdade, no plano filosófico, já mencionei António Sérgio e Vasco de Magalhães-Vilhena.

— *O Professor refere-se, frequentemente, à sua infância e às suas vivências num Bairro típico de Lisboa. Que recordações guarda da sua escola de ensino primário, numa época em que a escolaridade obrigatória se restringia aos três anos?*

O bairro onde nasci (1933) e vivi até aos 22 anos foi o de Santo Amaro, inscrito no centro da vasta e populosa freguesia de Alcântara. Era um bairro habitado na maior parte por gente pobre, membros das classes trabalhadoras cujas profissões se ligavam ao rio (marítimos, estivadores), operários das oficinas dos transportes eléctricos de Lisboa (Carris), vendedeiras ambulantes de hortaliça e peixe, lojistas, pequenos empresários, membros das classes médias baixas, e, na zona que se ligava a Belém, os remanescentes de velhas famílias nobres.

A minha escola de ensino primário era uma escola privada de raiz popular. Funcionava nas instalações de uma Sociedade Filarmónica e destinava-se a filhos e parentes dos sócios, mediante o pagamento de uma quota suplementar. Na escola ensinava-se e aprendia-se como em tantas outras: ler e escrever sem erros, operar com inteiros e fracções sem enganos, memorizar a lista dos reis, das batalhas e das dinastias, os rios, as cordilheiras e as mais importantes vias férreas, obedecer, receber castigos no caso de não cumprimento das obrigações. Fui sempre o que se chamava «bom aluno» e fiquei «distinto» no exame da quarta classe. Nunca tivemos educação religiosa na escola porque a direcção da Sociedade e consequentemente a professora eram avessas a tais matérias. No meu caso recebia essa educação em

casa, fazendo a Primeira e Segunda Comunhões. Dos exercícios da Mocidade Portuguesa (uma vez por semana) não lográmos escapar-nos, indo nesse dia a uma escola oficial da vizinhança receber esse banho de propaganda política e religiosa.

— *E, na sequência da questão anterior, como foi a sua experiência num Liceu da capital, quando o acesso ao ensino liceal era muitíssimo selectivo?*

De uns quarenta alunos que formavam a turma, fui eu o único a passar ao liceu do mesmo modo que era o único que tinha sapatos. Meu pai era justamente um pequeno lojista de calçado, fazia a sua vida trabalhando. Exigia bom aproveitamento, de modo a obter isenção do pagamento de propinas.

Por sorte o liceu ficava perto de nossa casa, de forma que não se gastava dinheiro em transportes nem com a alimentação. A casa ficava perto. Fui sempre melhor aluno de letras do que de ciências. Houve um ano em que estive a pique de abandonar o liceu. Mas as coisas recompuseram-se. As ajudas recebidas de minha irmã permitiram-me não repetir nenhum ano.

— *Que influências concorreram para a sua escolha do curso superior de Histórico-Filosóficas? Que lembranças guarda da sua passagem pela Universidade, não só como estudante, mas, alguns anos mais tarde, como docente?*

A ida para a Universidade deve-se à pressão familiar. Minha irmã, com 11 anos de idade a mais do que eu era excelente aluna e pretendia ser professora de liceu. Aos olhos da família, sobretudo de meu pai, a carreira «no Estado» tinha a garantia da estabilidade e era uma carreira de prestígio. Por outro lado, eu punha-me a ler alguns livros de estudo de minha irmã, por exemplo, uma selecta onde travei conhecimento com textos de excelentes autores e decidi que também queria ser professor.

A passagem pela Universidade valeu pelo encontro com alguns mestres notáveis: Curvelo, Vieira de Almeida e Delfim Santos, a quem já me referi, os quais pertenciam à minha secção. Outro professor notável foi Orlando Ribeiro, mestre de Ciências Geográficas, cujas conferências e convívio com os estudantes eram momentos extraordinariamente enriquecedores.

Edmundo Curvelo foi sem dúvida o professor que mais nos marcou sob o ponto de vista pedagógico e o meu modo de trabalhar com os estudantes deve-se em grande parte ao modelo vivo que constituiu. Outro professor notável, não só pelo seu raro saber mas também pela elegância discursiva com que expunha e clarificava as matérias mais complexas foi Vieira de Almeida. O resto da secção de filosofia caracterizava-se pela mediocridade.

Curvelo morreu, apesar da sua juventude, quando nos leccionava História da Filosofia Moderna no 3.º ano do curso. Vieira de Almeida fora marginalizado no interior da Faculdade e o que nela se passava era-lhe um tanto indiferente. De forma que o convite para ser assistente de Filosofia veio do grupo com quem eu nunca tivera relações e que assinalava o lado negro da instituição. Alguns amigos aconselharam-me a aceitar o convite, apesar de tudo, e foi o que fiz. Durante três anos desempenhei as funções de assistente, sempre numa posição distanciada em relação a esse grupo, até que me cansei e me demiti. Aí recorri ao jornalismo, até regressar à vida universitária.

— *Durante o regime do Estado Novo, o Professor Rogério Fernandes teve a sua actividade científica bastante limitada. Porém, não deixou de publicar obras e de colaborar na imprensa periódica. Quer falar um pouco das suas desilusões e, também, das suas esperanças e convicções nesse período?*

Durante esse período trabalhei no jornalismo, designadamente no jornalismo cultural através da revista *Seara Nova*. Foi nesse período que entrei em cheio na acção política, por vezes com contactos clandestinos, e desenvolvi a formação marxista na medida das possibilidades. As questões de ensino e educação constituíram o centro dos meus interesses. Discuti o mais possível as políticas públicas de ensino. A Censura prévia à Imprensa produzia frequentemente abundantes estragos no que eu tinha escrito, inutilizando por vezes todo um estudo ou um artigo. Entretanto, consegui publicar e fazer publicar na *Seara Nova* alguns dos meus livros nesse período e de alguns dos mais importantes autores, entre os quais Vasco de Magalhães-Vilhena. Mas cada vez se tornou mais claro que a única alternativa seria a revolução, já que a última possibilidade de transição pacífica para a democracia (o chamado Caetanismo) falhou por completo. A Revolução dos Cravos, ocorrida em Abril de 1974, foi a resposta histórica a essas aspirações.

Tendo recebido o encargo de coadjuvar o director da *Seara Nova*, era propositadamente posto à margem de actividades mais perigosas. O nosso receio era que a minha prisão pudesse determinar o encerramento arbitrário da revista. O que, apesar de todas as precauções, acabou por acontecer. A minha prisão não ultrapassou a meia dúzia de dias. Não fui herói... Sucedeu que a revista e a intelectualidade de esquerda estava ligada a um agrupamento italiano, a *Comunidade Europeia de Escritores*, que teve um importante papel no apoio à resistência intelectual portuguesa. No meu caso, os exilados portugueses que pertenciam à revista e que estavam em Argel difundiram pela Imprensa europeia a notícia de que o director adjunto da *Seara* fora preso e a repercussão do caso mostrou ao ministro do Interior a inutilidade de me manterem preso.

— *Com o 25 de Abril de 1974, ficaram-lhe abertos espaços onde teve a possibilidade de pôr em prática toda a sua formação e experiência. Chamado então a ocupar o cargo de Director Geral do Ensino Básico, qual é hoje o balanço que faz dessa sua actividade?*

Penso que esses dois anos de trabalho na Direcção Geral do Ensino Básico mostraram que era possível imprimir um ritmo rápido à actividade de administração da educação e que uma política de reforma educacional podia ser implantada, mesmo em condições difíceis. Infelizmente, a interrupção dessa experiência pelo 1.º Governo Constitucional (Mário Soares) inutilizou muito do esforço realizado.

— *Depois dessa sua experiência, pôde dedicar-se mais à actividade académica e científica no domínio da História da Educação. Qual foi a sua experiência académica mais gratificante?*

Em 1976 fui afastado da responsabilidade de Director Geral. Escrevi três livros em seguida, após o que fui convidado a leccionar História e Filosofia da Educação na Faculdade de Ciências de Lisboa, área da formação de professores, após o que ingressei no respectivo Departamento de Educação. Em 1984 apresentei-me a

doutoramento em História e Filosofia da Educação. O tempo de trabalho que passei naquele Departamento foi dos momentos mais gratificantes da minha vida de professor.

— *E, cientificamente, que aspectos da sua produção historiográfica considera mais significativos, não esquecendo, claro, o seu trabalho com o Brasil?*

Da minha actividade científica julgo que alguns livros me deram muito prazer. Além disso, a orientação de candidatos a Doutoramento, a Mestrado e a pós-doutoramento, em Portugal e no Brasil, com estudantes portugueses e brasileiros constituem fases que preencheram fortemente as minhas aspirações como docente.

— *Ainda, relativamente à sua imensa produção. Em finais dos anos de 1960, o Professor publicou o livro de ficção intitulado Três tiros e uma mortalha, que considero muito interessante. Porquê este livro? Qual a razão por que não prosseguiu esta sua experiência?*

A ficção foi (ou continua a ser?) uma das grandes aspirações da minha vida intelectual. Quem sabe se regresso um dia?

— *Finalmente, uma questão mais geral. Como vê a actual História da Educação portuguesa e a sua historiografia?*

Penso que os anos 80 do século passado marcaram o ponto de partida para novas etapas na História e Historiografia da Educação em Portugal. No entanto, a ausência de Mestrados nessa área nas principais Universidades portuguesas e a falta de cursos de Doutoramento levam-me a perguntar se não estaremos perante a perspectiva do regresso a uma menorização desta área disciplinar.

Lisboa, Setembro de 2006

## Nota biográfica do entrevistado

**Rogério Fernandes** nasceu em Lisboa, em 1933. É doutorado em Educação (com a especialização em História e Filosofia da Educação). Actualmente, professor catedrático jubilado da Universidade de Lisboa, exerceu a sua docência na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma Universidade, entre 1993 e 2003.

Em 2002, foi agraciado pela Presidência da República de Portugal, com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública.

Ainda na sua actividade docente, foi professor convidado de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, entre 1978 e 1993, professor convidado do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa (1974-1975) e do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (1972-1975); foi assistente da Secção de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1957-1960).

Após o 25 de Abril de 1974, no Ministério da Educação exerceu funções de director geral do Ensino Básico (1974-1976) e de inspector geral de Educação (1976-1990).



Foi membro da Comissão de Avaliação Externa das Licenciaturas em Ciências da Educação pela Fundação das Universidades Portuguesas (2004-2005).

Tem coordenado diversos projectos de investigação, de que se destacam: «A Infância e a sua Educação (1820-1950)», projecto luso-brasileiro (CAPES/GRICES); «Museu Vivo da Escola Primária», de parceria com Margarida Felgueiras (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto) e com a Câmara Municipal do Porto.

Tem orientado investigadores portugueses e brasileiros em Mestrados, Doutoramentos e pós-doutoramentos.

É autor de um elevado número de estudos publicados em livro, em revistas científicas nacionais e estrangeiras, em actas de encontros científicos, na imprensa periódica. Um número considerável desses artigos está compilado na obra *Rogério Fernandes. Questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a educação* (Felgueiras, Margarida Louro & Menezes, Maria Cristina [orgs.]: Porto, Edições Afrontamento/Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2004).

Dos livros publicados, destacam-se: *Ensaio sobre a obra de Trindade Coelho* (Lisboa, Portugália Editora, 1961); *Ensino: sector em crise* (Lisboa, Prelo Editora, 1968); *João de Barros, educador republicano* (Lisboa, Livros Horizonte, 1971); *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho* (Lisboa, Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, 1973); *Situação da educação em Portugal* (Lisboa, Moraes Editores, 1973); *Educação: uma frente de luta* (Lisboa, Livros Horizonte, 1977); *Aspectos do ensino na República Democrática Alemã* (Lisboa,

Livros Horizonte, 1977); *O pensamento pedagógico em Portugal* (Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1978; 2.ª ed.: 1992); *A pedagogia portuguesa contemporânea* (Lisboa, Instituto de Cultura e de Língua Portuguesa, 1979); *Bernardino Machado e os problemas da Instrução Pública* (Lisboa, Livros Horizonte, 1985); *O despertar do associativismo docente* (Lisboa, Instituto Irene Lisboa, 1989); *Uma experiência de formação de adultos na 1.ª República. A Universidade Livre para a educação popular (1911-1917)* (Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1993); *Os caminhos do ABC. Sociedade portuguesa e ensino das primeiras letras. Do pombalismo a 1820* (Porto, Porto Editora, 1994); *Meio século de evolução curricular em Portugal. Um esboço* (Santarém, Escola Superior de Educação de Santarém, 2002); *As Cortes Constituintes da Nação portuguesa e a educação pública* (In Stephanou, Maria & Bastos, Maria Helena Câmara [orgs.], *Histórias e memórias da Educação no Brasil*, vol. II, Campinas, Ed. Vozes, 2005). Recentemente, coordenou, juntamente com L. Vidigal a obra *Infantia et pueritia. Introdução à história da infância em Portugal* (Santarém, Escola Superior de Educação de Santarém, 2005).

Dos artigos em revistas de circulação internacional com arbitragem científica, destacam-se os seguintes: «Portraits de l'éducation portugaise dans la transition du monde médiéval vers le XVI<sup>e</sup> siècle» (*Paedagogica Historica. International Journal of the History of Education*, Gent, supplementary series, vol. I [1995]); «Orientações pedagógicas das casas de asilo da infância desvalida (1834-1840)» (*Cadernos de Pesquisa*, Campinas, n.º 109 [Março, 2000]); «Las Universidades Libres y Populares en Portugal y el problema de la cultura popular» (*Historia de la Educación. Revista interuniversitaria*, Salamanca, n.º 20 [2001]); «L'enseignement secondaire dans le cadre du "pombalismo"», de colaboração com Maria Cristina Menezes (*Paedagogica Historica. International Journal of the History of Education*, Gent, vol. 40, n.ºs 1 e 2 [Abril, 2004]); «Cultura de escola: entre as coisas e as memórias» (*Revista Pró/Posições*, Campinas, vol. 16, n.º 1 [2005]).

### Nota biográfica da entrevistadora

Áurea Adão, doutorada em Educação (História e Filosofia da Educação) pela Universidade de Lisboa, é professora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa) e foi co-coordenadora do Mestrado em Ciências da Educação da mesma Universidade, entre 1998 e 2006. É membro do Conselho de Redacção da *Revista Lusófona de Educação* (Lisboa) e coordenadora da linha de investigação «A memória da Educação no espaço lusófono» inserida na UID Observatório de Políticas de Educação e de Contextos Educativos. Foi investigadora da Fundação Calouste Gulbenkian, encontrando-se, actualmente, na situação de reforma antecipada. Recebeu, em 1997, o Prémio «Dr. Rui Grácio» atribuído pela Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Foi membro da Direcção da International Standing Conference for the History of Education (ISCHE), entre 1993 e 1995, e da Comissão de Avaliação Externa das Escolas Superiores de Educação portuguesas (2000-2003). É autora de um conjunto muito diverso de estudos de história da educação portuguesa, publicados em livros e em revistas nacionais e estrangeiras. Tem sido co-organizadora de actividades científicas nacionais e internacionais nomeadamente no âmbito da História da Educação e tem tido a seu cargo a orientação de dissertações de Mestrado e de teses de Doutoramento.